



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A EVOLUÇÃO DA EQUIPARAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NO ÂMBITO EDUCACIONAL: UMA VISÃO ACERCA DA NORMALIZAÇÃO

Autor (a); Anne Katharine Galdino da Nóbrega

Co-autor (a); Juliana Silva Dunder

Co-autor (a); Francisco Diógenes Freires Ferreira

Faculdades Integradas de Patos – FIP

Faculdades Integradas de Patos – FIP

Faculdades Integradas de Patos – FIP

nanenobrega87@gmail.com

julianadunder@hotmail.com

fdiogenesferreira@gmail.com

Resumo: O presente artigo trata da evolução do gênero feminino no âmbito educacional com o objetivo de fazer uma análise crítica e reflexiva em relação ao tratamento diferenciado entre meninos e meninas dentro dos centros educacionais propagados pelos próprios educadores através de uma educação básica. A implementação do termo “gênero” em escolas e a falta de práticas pedagógicas coerentes com a atualidade, evitando questões morais e religiosas nessa aplicação tão necessária nos dias de hoje. Trata-se de mostrar a importância da luta feminista pela igualdade e mostrar de forma real a realidade atingida por tais lutas, retratando passo a passo os avanços lentos, porém, significativos, alcançados pela reivindicação de toda população para com a classe feminina. A pesquisa é descritiva, com abordagem dedutiva e natureza bibliográfica, com o objetivo de esclarecer toda a temática que será abordada no presente artigo, de forma a obter um resultado consistente sobre o assunto abordado. A conclusão do tema deste artigo se deu através de exames perante a leis vigentes, a cultura do país e as políticas públicas atuantes, tentando assim, tornar de forma igualitária a perspectiva trabalhista, social, humana e cultural do gênero feminino.

Palavras-chaves: Gênero, Feminino, Educação, Normalização.

INTRODUÇÃO

A história se encarregou de contar que as relações entre homens e mulheres sempre foram desiguais. Enquanto que para os homens essa foi uma construção de hierarquia e superioridade, para as mulheres se trata de submissão e sujeição.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dessa forma, no decorrer dos anos, mais precisamente e notadamente entre os séculos XX e XXI, intensificaram-se as lutas no combate as desigualdades que se baseiam no gênero e a luta para que se alcance a tão sonhada igualdade, tanto na forma quanto em sua materialidade.

A escola é talvez, um dos primeiros locais em que se convive em sociedade. É o espaço em que a criança pode construir ótimas memórias, entretanto, esse ambiente pode se tornar o seu pesadelo diário.

Questões que envolvem discussões de gênero ainda não são comumente aceitas e incorporá-las no âmbito escolar tem sido uma grande batalha, pois, os padrões estabelecidos socialmente como normais ainda possuem uma forte fixação no pensamento conservador que rejeita aquilo que é atípico.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo tratar da inserção do estudo de gênero nos meios educacionais, relacionando com a luta pela igualdade entre homens e mulheres, apontando marcos teóricos que apontam estudos sobre a temática de gênero.

METODOLOGIA

A presente pesquisa será de natureza descritiva. O procedimento metodológico escolhido para o presente trabalho será a pesquisa bibliográfica, a qual será realizada a partir da leitura de livros, revistas, periódicos, artigos on-line, etc.

Esse tipo de pesquisa de caráter descritivo, reveste-se de significativa importância porque através dele é possível o pesquisador entrar em contato direto com tudo o que foi produzido sobre o assunto, que é objeto de seu trabalho. Quanto ao método de abordagem, privilegiar-se-á o dedutivo, partindo pela premissa de lei, teorias e fenômenos particulares ou de abordagem nacional.

Assim, no intuito de responder aos objetivos propostos para o presente estudo, será feita uma ampla abordagem sobre o tema ora em questão, oportunidade em que será condensado o material selecionado para posterior redação do texto final. Realizados esses



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

procedimentos, será promovida uma análise das informações colhidas, objetivando atingir os objetivos propostos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente artigo abordou a evolução da aplicação do gênero nas escolas e a contribuição educacional que tal abordagem trouxe aos dias atuais tornando as desigualdades sociais mais amenas.

Ao longo dos anos a implementação da palavra gênero tem tido seu espaço conquistado e firmado pouco a pouco. No meio escolar, lugar no qual, encontra-se a maior diversidade, esse termo tende a se consolidar de forma lenta e imperceptível. A importância do educador é incontestável e segundo Meirelles (1997, p. 83) “o professor é mediador e organizador do processo pedagógico, favorece a visão de conjunto sobre a situação, e propõe outras fontes de informação, colocando o aluno em contato com outras formas de pensar”.

O educador se tornar parte essencial na implementação do gênero dentro dos centros educacionais. Podemos afirmar que a percepção de gênero e sexualidade mudará de educador para educador e de país para país, a cultura é e sempre será algo de fundamental importância para a concretização de um conceito definitivo sobre esse assunto, a cada período vemos uma mudança social com relação a sexualidade, isso advém das heranças culturais que se moldam com o passar dos anos.

O enquadramento das mulheres nas escolas foi algo conseguido através de lutas e direitos que não se aplicavam até então, a partir da metade do séc XIX, as mulheres cosegiram seu espaço nos ambientes educacionais, porém, sendo manipuladas e ordenadas por homens.

As mulheres tendem a se afastar do esteriótipo de que todas estão apenas ligadas ao divino poder de gerar a continuação de uma sociedade, a implantação do termo gênero tem como maior função a desconstituição sociocultural e educacional do homem na relação de poder, onde todas essas diferenças entre homens e mulheres tendem a desaparecer.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De acordo com Guacira Lopes (2007), a colocação do homem como papel principal na sociedade e mulher como uma mera coadjuvante, surge dentro dos órgãos educacionais que ensinam desde cedo a colocar o termo masculino no plural de qualquer frase onde existam um grupo formado por homens e mulheres. A discriminação pelo gênero feminino surge inocentemente nos centros educacionais desde antes o séc XIX, sendo encontrada até hoje em relances e deslizes dos educadores.

O tratamento na forma masculina a crianças do gênero feminino pelo simples acontecimento das mesmas estarem presentes em ocasiões em que hajam crianças do gênero masculino no local, é uma representação explícita do preconceito gerado por seus educadores que acham normal essa permanência de atitude em meio ao séc XXI.

De acordo com Sabat (2007, p. 149) argumenta que:

A educação, compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função com/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais.

A importância do estudo do gênero na educação básica até a superior é algo de tamanha importância no que se refere a ajuda do desenvolvimento dos alunos sobre o saber diferenciar sua sexualidade e seu gênero, onde este, encontra-se atualmente em um estudo superficial na maioria das entidades educacionais em nosso país. Os educadores tem a obrigação de pegar esse conceito de discriminação perante o gênero feminino e o moldar na atualidade sociocultural e educacional pelo qual o nosso país passa.

As atuais mudanças que beneficiam o gênero feminino não o fez de forma a tornar mais fácil a vida dessas mulheres, tornou apenas, um conjunto de tarefas desgastantes e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

muitas vezes exaustivas por tentarem ter os mesmos direitos que o homens, a luta é árdua para manter um papel de mulher, mãe e empresária.

A criação dos movimentos sociais feministas serviram para redefinir de forma concreta o lugar da mulher na sociedade, seja no setor trabalhista, social ou educacional. Acabando por ocorrer vários acontecimentos importantes além dos assuntos de maternidade, sexo frágil, ou até mesmo o assunto a ser obrigatório de entendimento de qualquer mulher com ter e cuidar de um filho.

A má e precária abordagem sobre sexualidade e identidade de gêneros não é de total e completa culpa dos educadores, os próprios pais estão envolvidos por completo nessa alienação aos seus filhos, deixamdu-os assim, sofrer pré conceitos, preconceito e danos físicos e psicológicos aos mesmos durante toda uma vida. Tal abordagem sobre esse assunto, deve ser de cunho contínuo, persistente e de resultado, com uma política correta e uma abordagem simples.

De acordo com o autor Sayao (1997, p.112);

A escola também se constitui num importante agente nesse campo. Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. Ela invade por completo essa “praia”. As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.

Em seus profundos estudos sobre sexualidade e gênero, Jeffrey Weeks (1993, p. 6) afirma inúmeras vezes que "a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo". O gênero e a sexualidade estão apenas vinculados ao corpo, mulheres e crianças do gênero feminino tem todo o direito de se estabelecer em uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

comunidade educacional com os mesmos direitos e deveres dos homens ou crianças do gênero masculino.

Deborah Britzman (1996, p. 74), explica de forma completa o que seria a identidade sexual:

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; *nenhuma* identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma *relação social* contraditória e não finalizada (grifos da autora).

Identidade sexual é algo a ser construído ao longo da vida de cada indivíduo, nada nascerá pronto e lapidado. Todo ser humano tem todo o direito de mudar sua identidade sexual ou de gênero a partir do momento em que se sentir maduro para arcar com toda a problemática que envolverá tal mudança. Ninguém nasce homem que, só possa exercer funções masculinas impostas pela sociedade e, ninguém nasce por completo mulher que, só sirva exclusivamente para procriação e manutenção da casa.

As entidades educacionais tendem a vê seus alunos como crianças moldadas e prontas para a sociedade, não dando assim, espaço para que essa camada feminina veja e se habilite a atividades não convencionais ao meio, ou até mesmo, aos seus problemas com sua sexualidade e seu gênero.

Butler (apud Mac An Ghail, 1996, p. 198) afirma que:

[...] é crucial manter uma conexão não-causal e não-reduzitiva entre gênero e sexualidade. Exatamente devido ao fato de a homofobia operar muitas vezes através da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atribuição aos homossexuais de um gênero defeituoso, de um gênero falho ou mesmo abjeto, é que se chama os homens gay de "femininos" ou se chama as mulheres lésbicas de "masculinas".

É de bom tom entender que o feminismo não significa a aplicação do lesbianismo às suas integrantes, acontecimento este, que leva milhares de mulheres a não lutarem por seus direitos dentro de instituições educadoras a fim de, não possuírem mais um estigma em volta de si. A participação efetiva e contínua de educadores que, se fizessem entender no meio das discriminações, seria algo de grande valor ao gênero afetado em questão.

CONCLUSÃO

De forma ampla e com base a tudo o que se foi descrito anteriormente, podemos concluir que, a educação e seus educadores ainda se encontram estagnados ao meio em que vivem, deixando assim, crianças, adolescentes e até adultos, passarem pela vida sem entenderem a real diferença que há entre os gêneros e que tais diferenças não servem para limitar a atuação do homem ou da mulher dentro de uma sociedade atual.

Desde a década de 70, com a implantação das lutas femininas, muito já foi adquirido e consolidado, porém, a palavra "gênero" ainda é algo a ser entendido e administrado perante os envolvidos. As mulheres precisam lutar e se fazerem entender que o estigma de nada se faz valer, já que, a essência não muda.

A luta dessas mulheres deve começar desde cedo, tendo como base seus educadores e educadoras que, possuem um papel fundamental e primordial duante toda a vida educacional dessa camada ainda oprimida em certos aspectos sociais.

Por fim, vimos que os erros surgem desde a falta de interesse dos pais ao saber a diferença entre gênero e sexualidade, e não entender que a equiparação dos gêneros é de vital importância na vida socioeconômica, cultural e pessoal de suas filhas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FARAH, Marta Ferreira Santos. **Gênero e política públicas**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.12, n.1, p.47-71, 2004.

LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.) **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. (3ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. (9ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro**. 22. ed. São Paulo: Malheiros, 1997.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SWAIN, T. N.; MUNIZ, D. do C. G. (Orgs.). **Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC/MG, 2012p. 169-193.

VALENZUELA, Malú. Desigualdad de género y pobreza en América Latina. In: PACHECO F. **Incorporación de género en las políticas de erradicación de la pobreza y generación de empleo in América Latina**. San José: OIT, 2014p. 289-338.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993. XAVIER FILHA, Constantina.